Mauro Wilton de Sousa

Comunicação e Recepção: uma reconstrução crítica

O uso corrente e generalizado do termo comunicação perpassa toda a sociedade contemporânea como que traduzindo uma uniformidade no reconhecimento de seu lugar tanto quanto de sua significação. É como se termo e temática, pasteurizados pelo uso, se confundissem em significação, apesar da diversidade e pluralidade do tempo e do espaço históricos da sociedade atual. O termo e o tema da recepção reproduzem igualmente um uso corrente e generalizado como que na expressão de um sentido comum. Comunicação e recepção na verdade traduzem aproximações e distinções para além do senso comum, quer em termos conceituais, quer teóricos e metodológicos e vale a pena indagar a respeito.

1. Uma reconstrução crítica

As condições de compreensão dessas dificuldades, para além de semânticas, muitas vezes estão arraigadas em práticas de seu estudo ou em tradições de sua vivência, quando não, esbarram na dificuldade de se estabelecer parâmetros especialmente de crítica.

*Comunicação e Recepção*¹ tem o mérito não só de agendar essa questão mas se envolve na problematização do tema além de oferecer indicadores para sua crítica. Isso dá o tom especial à obra, ao mesmo tempo em que é buscada a reconstrução dos traços mais marcantes de sua trajetória enquanto objeto de estudo, suas metodologias e suportes conceituais e teóricos.

Essas perspectivas estão já na apresentação da obra quando o mexicano Jesús Galindo Cáceres aponta que “desde o final do século passado o panorama é complicado, (...) a palavra comunicação aparece em quase todas as áreas do conhecimento autônomo: a física, a química, a biologia e seus âmbitos específicos e derivados. (...) A comunicação converteu-se em uma palavra carregada de sentido em nosso mundo contemporâneo” p.8. E é também dele a sinalização quanto à atualidade e necessidade do processo que vem ocorrendo desde o século passado, ou seja, a necessidade “da reconstrução histórica das fontes conceituais e metodológicas do campo acadêmico da comunicação”. Entende-se, pois, a importância de sua afirmação: “O trabalho que aqui apreciamos - o da reconstrução histórica do espaço conceitual e metodológico da recepção, dentro do campo da comunicação - é parte desse processo particular e uma notícia extraordinária dentro da ausência de notícias sobre o tema geral, a história do pensamento comunicacional” p.9.

Reconheça-se que o uso generalizado do termo comunicação não só em todas as áreas do conhecimento como nas práticas de vida em todo o mundo contemporâneo não se dão sob a égide de uniformidade conceitual, o que não é esperado, mas não há uma reconstrução que dê conta de como essa pluralidade de

(1) ESCOSTEGUY, Ana Carolina e JACKS, Nilda. *Comunicação e Recepção*. Hacker editores, S.Paulo, 2005, 127 p.

Mauro Wilton de Sousa, pesquisador e professor junto ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da USP.
mwsousa@usp.br

significações leva a indicadores matrizes dessa mesma diversidade e pluralidade. Não há, como bem aponta Cáceres, uma história que dê conta de como o processo da comunicação se insere na qualificação do pensamento contemporâneo, relação sempre buscada mesmo quando muitos se reportam a uma história do pensamento comunicacional.

Se essa questão carece de uma dimensão histórica mais ampla, em Comunicação e Recepção, já em sua introdução, há a busca de uma qualificação conceitual básica a respeito do significado, abrangência e autonomia presentes no tema. Se comunicação é assumida como um processo social básico, dir-se-ia que é o assumir o ser humano necessariamente como um ser de e em relação, interação e alteridade são suas marcas. E comunicação define-se então como um processo social. Não exclui, ao contrário, inclui os meios tecnológicos de que se serve, mas não se define apenas pela sua presença e atuação. As autoras são assertivas quando afirmam que “deslocar o eixo da comunicação para fora dos meios ou entendê-la como um processo social primário que envolve a relação entre as pessoas, não exclui, entretanto, a presença dos meios de comunicação, apenas os considera como um dos elementos que compõem a cena contemporânea” p.14. Nessa perspectiva a recepção igualmente está presente na aceção mais ampla de comunicação, compõe esse mesmo processo tanto quanto os diferentes meios.

Esse definir conceitual não invalida, no entanto, que as autoras apontem que as diferentes dimensões teóricas que envolvem a temática da recepção acabam dando-lhe conotações diferentes, por exemplo, conforme “os estudos qualitativos de audiência, estudo das mediações, uso social dos meios, práticas ou experiências midiáticas, teorias interpretativas da audiência, entre outras” p.14.

Assim, o termo recepção tem a possibilidade de envolver diferentes conotações derivadas não só de perspectivas teóricas, mas também de áreas disciplinares que distintamente o assumem, como na publicidade, nos estudos literários, nos estudos sobre o consumo. Acresce-se ainda o fato de que se o processo da comunicação é um processo histórico o lugar que ocupa na contemporaneidade tem a ver com as características do desenvolvimento dessa mesma contemporaneidade. Não é de se estranhar que tenha assumido, pois, características distintas na definição de trajetórias baseadas no tempo e no espaço de sua vivência.

Essa reconstrução crítica de trajetórias vividas na contemporaneidade sob a égide da relação Comunicação-Recepção acaba sendo o ponto alto das considerações feitas pelas autoras do livro.

2. Tradições em debate

Na modernidade capitalista contemporânea o desenvolvimento do processo social esteve sempre ligado a diferentes formações históricas, diferentes condições no produzir e organizar a vida, no produzir o pensamento e o saber. Estes são fatores estruturantes e diretamente associados ao desenvolvimento e complexidade da comunicação, e às características que assumiu. Diferentes tradições de estudo da comunicação surgiram e se desenvolveram no contexto desse nexo entre comunicação e sociedade, tradições marcadas por privilegiamentos distintos de objetos, metodologias de seu estudo, aportes conceituais e teóricos segundo bases e preocupações igualmente diversas.

A reconstrução dessas trajetórias segundo a distinção de objetos, metodo-

logias e aportes conceituais e teóricos é a preocupação que marca os capítulos centrais do trabalho de Escosteguy e Jacks.

É instigante perceber como são derivadas de tradições internacionais, especialmente norte-americanas e européias, as diferentes conotações dadas ainda hoje à recepção como objeto de estudo. Assim, a preocupação com a comunicação enquanto instrumentalidade no controle do processo social, no início do século passado, fez com que recepção fosse vista associada às possibilidades do efeito que traria ao consumo, campo ligado ao marketing, à publicidade e a estudos comportamentais. A dimensão instrumental da comunicação, razão de ser denominada de meio, ocultava pois uma outra dimensão para a recepção, a instrumentalidade para fins colocados no próprio sistema econômico-social mais amplo. A comunicação como meio para fins que a ultrapassavam.

Não é muito distante a perspectiva de compreensão da recepção com a preocupação de dimensionar aspectos cognitivos e estéticos desde a leitura de textos literários. É igualmente próxima a perspectiva de compreender o receptor nos seus usos e gratificações frente aos mídias em função mesma da instrumentalidade que esse conhecimento poderia oferecer para o planejamento de ações estratégicas no campo do consumo de bens materiais e simbólicos.

Estes são exemplos de um bom número de práticas de comunicação, ao lado de outras, que os autores apontam para demonstrar senão o caráter ainda marcadamente dependente de estudos internacionais para a compreensão do termo e da significação dos estudos de recepção, também para sinalizar a dimensão instrumental que a quase totalidade dessas tradições visualizou a recepção. Verdade que a tônica instrumental de compreensão da recepção, acrescidas razões de posturas teóricas desse contexto político urbano-industrial, deu-lhe a marca da passividade, como que o espaço por onde se manifestava o emissor e as formas de poder aí subentendidas.

É bem verdade que a denúncia desse processo está presente nos estudos europeus de fundo político-ideológico, como está presente nos estudos que buscam desde a cultura indagar sobre o protagonismo possível das pessoas diante dos mídias. São questões que advêm não só de um contexto histórico da sociedade urbano-industrial como da emergência e expansão das tecnologias aplicadas em comunicação, matriz do que hoje se denomina de comunicação massiva. São eixos por onde foram criadas e desenvolvidas tradições de estudo da recepção, e que se fizeram presentes em tantas outras trajetórias e tradições para além da Europa e dos Estados Unidos.

As alternativas de novos olhares possíveis sobre a recepção são trabalhadas pelas Autoras no contexto de formações sócio-econômicas mais recentes do que aquelas de países desenvolvidos, especificamente no caso da América Latina. É o que se depreende da afirmação presente no texto: “Em toda a América Latina, no final dos anos 1960, firmou-se uma literatura que denunciava o imperialismo norte-americano e supunha a passividade dos receptores diante dos meios de comunicação. Nas ciências sociais, a teoria da dependência (...) gerou a teoria da dependência cultural. (...) Em meados dos anos 80, no entanto, essa produção teórica sofre críticas e restrições de diferentes matizes (...) Além disso, as dinâmicas culturais, entre as quais estão os embates gerados pela globalização e suas transformações na experiência social, contribuem para a renovação teórica e metodológica do campo

da comunicação” p.52.

O eixo de análise da comunicação começa a se deslocar da emissão para a recepção, esta sendo compreendida não mais desde o indivíduo e seus comportamentos frente aos mídias, mas a partir dos valores que sustentam essas práticas, o campo da cultura. Os estudos culturais ingleses sinalizaram perspectivas que as características da comunicação massiva na América Latina, ao lado da significação e diversidade das práticas culturais, criaram todas as condições para olhares interpretativos novos. Temas como a recepção ativa, o consumo cultural, as frentes culturais, uso social dos meios, multi-mediações, entre outros, assumiram o lugar de vetores de pesquisa, de caminhos sendo buscados para a compreensão da comunicação e da recepção desde referenciais conceituais, teóricos e metodológicos propositivos mais do que apenas de incorporação e transcrição.

É nesse contexto que obras e autores que hoje despontam na pesquisa e na reflexão sobre esses campos na América Latina são referências oriundas desses novos olhares e das pesquisas e estudos daí derivados. A preocupação com os valores culturais vistos como matriz de compreensão da vida, portanto das formas de se apropriar da comunicação e de seus suportes, propicia modos de entender a recepção ativa, descentralizando os meios tecnológicos de suporte de um papel onipotente em si e por si mesmo.

Essa reconstrução de trajetórias de estudo da comunicação-recepção é feita pelas Autoras ao estabelecerem os nexos entre tradições internacionais, calcadas mais na sua instrumentalidade para o poder político e econômico, e mesmo para o controle desde o emissor enquanto sistema. Mas, em seguida, é apontado o desenvolvimento de novos olhares marcando as práticas de comunicação-recepção na América Latina e no Brasil, tendências voltadas mais para a pluralidade e diversidade cultural. E esse desdobrar contemporâneo de tendências interpretativas, na verdade é feita com um rico detalhamento de obras, autores e metodologias que aí se inserem.

A obra de Escosteguy e Jacks, em pouco mais de 120 páginas, consegue estabelecer uma visão crítica do tema proposto, uma reconstrução de tradições e trajetórias permeada de demonstração de obras e autores, situando metodologias que diferenciam e aproximam posturas conceituais e teóricas. As bibliografias utilizadas e indicadas são um vetor fundamental para ser aquilatar a pertinência, seriedade e oportunidade das indicações reflexivas propostas. Os capítulos finais, onde as autoras encontraram o espaço de expressão crítica da atualidade e dos limites dos estudos de recepção no Brasil e na América Latina, são a demonstração mesma da importância e da atualidade do trabalho, de como a maturidade da pesquisa e das pesquisadoras encontra no caso bons motivos para que o texto possa ser lido e reconhecido, apreciado e respeitado. É um texto obrigatoriamente fundamental para dar conta da atualidade do tema, de sua reconstrução histórica, conceitual e teórica, especialmente entre nós pesquisadores brasileiros.